

# **A variação entre *ter* e *haver* em construções existenciais na fala e na escrita da variedade riopretense: uma análise dos grupos de fatores relevantes**

(The linguistic variation between existential *ter* and *haver* in the speech and writing of São José do Rio Preto's variety: analysis of the main group of factors)

**Carolina Sartori de Oliveira**

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista  
“Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

carolsart\_2@hotmail.com

**Abstract:** The general objective of this study, which analyses data in apparent time, is to verify two possibilities. Firstly, the occurrence of a consolidated process of linguistic variation between existential *ter* and *haver* in the spoken language in São José do Rio Preto. Secondly, the occurrence of the same process or a schooling process which promotes existential *haver* acquisition in the written language of children who attend Junior High School. The theory of this study is based on the assumptions of the Sociolinguistic Variation, developed by Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]).

**Keywords:** existential *ter*; existential *haver*; linguistic variation; linguistic change.

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objetivo geral verificar, com base em uma distribuição por tempo aparente, se na fala de São José do Rio Preto o processo de variação entre as formas *ter* e *haver* existenciais está consolidado, e, ao mesmo tempo, verificar na escrita de crianças do segundo ciclo do ensino fundamental, se ocorre o mesmo processo, ou se ocorre um processo puramente escolar de aquisição de *haver* existencial. O modelo que fornece suporte teórico a esta pesquisa é o da Sociolinguística Variacionista de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]).

**Palavras-chave:** *ter* existencial; *haver* existencial; variação linguística; mudança linguística.

## **Introdução**

O fenômeno que se investiga neste trabalho é a variação entre os verbos *ter* e *haver* em construções existenciais. A noção de existência, por exemplo, tem a ver com o domínio semântico, mas, como se sabe, as chamadas construções existenciais se identificam também com um conceito discursivo ou pragmático por conta de seu uso apresentativo. Além dessas justificativas, as sentenças existenciais também podem ser definidas de uma forma estrutural, conforme citam Callou e Avelar (2000, p.87): “trata-se de sentenças em que *ter* ou *haver* ocorre obrigatoriamente com um constituinte interno, e nunca com um constituinte sujeito de referência definida”.

Além dessa definição, justifica-se que, nas construções em que ocorrem, além do valor existencial que compartilham, os verbos *ter* e *haver* ocorrem em predicções mono-argumentais sem sujeito e seguidos de um objeto direto, também denominado argumento interno por Martins e Callou (2003, p. 820): “As estruturas existenciais com *ter* e *haver* ocorrem obrigatoriamente com um constituinte interpretado como objeto direto, mas, em princípio, não com um constituinte sujeito”.

Para ilustrar o fenômeno em investigação, apresentamos os seguintes exemplos retirados do *corpus* de *língua falada* (exemplos 1 e 2) e do *corpus* de *língua escrita* (exemplos 3 e 4):

- (1) “[...] lá no Santa Helena num **tinha** ninguém pra me atendê(r) aí eu fui na Beneficência...” (AC 009/NE/ L 33)
- (2) “[...] em vários ramos de atividades e etcetera... e **havia** um ramo que era muito interessante [...]” (AC 099/ NE/ L 47)<sup>1</sup>.
- (3) “[...] e não parava de pensar que iria ser preso mas ele não sabia que a 500 metros na frente **tinha** uma ladeira enorme.” (Z08\_5A\_12M\_01).
- (4) “**Havia** duas pessoas que brigavam muito.” (Z08\_8B\_12M\_01)<sup>2</sup>.

A literatura sociolinguística tem dado um tratamento variável a esse fenômeno, demonstrando haver, em geral, uma maior frequência de uso de *ter* em detrimento do uso de *haver*. Esse quadro de variação, aparentemente consolidada em proveito de *ter*, foi provavelmente impulsionado pela aproximação semântica entre esses dois verbos, que os tornaram, portanto, duas formas com o mesmo significado no mesmo contexto linguístico, o que configura um caso explícito de variável sociolinguística.

### Descrição do *corpus* de língua falada

A investigação do fenômeno em textos falados se debruça sobre o Banco de Dados IBORUNA, que foi desenvolvido pelo projeto ALIP-Amostra Linguística do Interior Paulista, no período de março de 2004 a setembro de 2007, como uma resposta à demanda dos Membros de Pesquisa em Gramática Funcional em se voltar para dados da variedade riopretense (GONÇALVES; TENANI, 2008). Esse banco de dados é constituído por falantes da cidade-sede – São José do Rio Preto – e de Mirassol, Bady Bassitt, Guapiaçu, Cedral, Onda Verde e Ipiguá, que são municípios circunvizinhos à cidade-sede, e apresenta dois tipos de amostras, a *Amostra Censo* e a *Amostra Interação*.

O Banco de Dados IBORUNA apresenta cinco tipos de inquéritos: *narrativas de experiência pessoal*, *narrativa recontada*, *relato de descrição*, *relato de procedimento* e *relato de opinião*. Esta pesquisa se limita, contudo, apenas à utilização da *Amostra Censo* e à observação das *narrativas de experiência pessoal*, perfazendo um total de 152 inquéritos analisados.

### Descrição do *corpus* de língua escrita

Para a análise dos dados de língua escrita foi utilizado um *corpus* de produções textuais escritas por alunos do segundo ciclo do ensino fundamental. O *corpus* pertence ao Banco de Dados de Produções Escritas do Ensino Fundamental, organizado pela professora

---

1 Os códigos do *corpus* de língua falada podem ser interpretados da seguinte maneira: **AC 009**- Amostra Censo (009); **NE**- narrativa de experiência pessoal; **L 33**- exemplo retirado da linha 33.

2 A interpretação do código referente ao *corpus* de língua escrita deve ser realizada da seguinte forma: **Z08**- letra inicial do nome da escola e o ano em que o *corpus* foi coletado; **5A**- série em que o texto foi produzido; **12M**- número do aluno (a) na lista de chamada e gênero masculino (M) ou feminino (F); **01**- a proposta textual desenvolvida pelo aluno (**P1**).

Dra. Luciani Ester Tenani para servir de base ao projeto de pesquisa *Aspectos segmentais e prosódicos da escrita de crianças e adolescentes: evidências de relações entre enunciados falados e escritos*, apoiado pela Fapesp - Proc. (2009/14848-6).

Esse banco de dados é constituído por uma amostra transversal, o que implica considerar que a coleta dos dados ocorreu apenas no ano de 2008. Esse banco transversal é composto por produções textuais de alunos de 5ª a 8ª série (6º ao 9º ano), produzidas durante o desenvolvimento de seis oficinas em uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto. Esta pesquisa se limita, contudo, à análise dos textos produzidos apenas na 5ª e na 8ª série, o que perfaz um total de 1.224 unidades textuais assim distribuídas: 593 textos da 5ª série (5A; 5B; 5C) e 631 textos da 8ª série (8A; 8B; 8C). Além disso, é importante ressaltar que as produções textuais de cada série apresentam seis diferentes tipos de propostas (P1, P2, P3, P4, P5 e P6).<sup>3</sup>

## A teoria da variação e mudança

Esta pesquisa apresenta como suporte a teoria da variação e mudança formulada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), em que a língua é definida como um objeto de estudo heterogêneo e não homogêneo, como até então havia sido postulado pela teoria estruturalista e gerativista. Partindo dessa concepção, Camacho (2003) afirma que Saussure, ao distinguir a *língua* da *fala*, acaba separando o que é geral e social do que é individual, estruturando a noção de que a língua é um sistema fechado em si mesmo. Por outro lado, segundo Camacho (2013), a teoria gerativista postulada por Chomsky, apesar de ter revolucionado a teoria da linguagem em alguns aspectos, acabou mantendo a concepção de Saussure de que a análise da língua deve se reduzir aos aspectos formais.

Ao se partir da diferenciação entre os pressupostos estruturalistas/gerativistas e sua relação com a teoria da variação e mudança, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) afirmam que a mudança linguística, na perspectiva da teoria da variação e mudança, é condicionada por fatores sociais e estruturais determinados no espaço linguístico, que promove processos de transição das mudanças linguísticas. Os autores admitem ainda que, na gramática de uma determinada comunidade linguística, existe a alternância de uma forma conservadora e de uma forma inovadora, em que a coexistência dessas duas formas indica uma mudança linguística em progresso, determinada por parâmetros de natureza social.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 85) também afirmam que, em um determinado momento da mudança linguística, “as questões sociais e linguísticas se resolvem conjuntamente; quando a oposição já não se mantém, a variante conservadora desaparece”. É importante notar que, no momento em que ocorre a difusão da forma inovadora por toda a comunidade social, a mudança linguística deixa o estágio de progresso e passa a tornar-se categórica.

Esse aspecto é relevante para justificar o fundamento teórico desta pesquisa, pois, ao se considerar a forma *haver* existencial como conservadora e *ter* existencial como inovadora,

<sup>3</sup> As propostas não foram detalhadas, uma vez que o grupo de fatores *proposta textual* não será analisado neste artigo. Para maiores informações desse *corpus* e as respectivas propostas textuais que o constituem, sugere-se a leitura de: REIS, M. C.; TENANI, L.E. *Registros da heterogeneidade da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

principalmente na língua falada, observa-se a ocorrência de um desfavorecimento, em termos linguísticos, internos, e em termos sociais, externos, da forma original em detrimento da forma inovadora. Objetiva-se confirmar essa hipótese nos dados de fala da variedade riopretense, o que pode levar à afirmação de que o fenômeno variável entre *ter* e *haver* em construções existenciais se encontra em processo efetivo de mudança nessa variedade.

Os dados de língua escrita, todavia, apontam para uma resistência de *haver* existencial como se ainda persista, nos registros mais formais, o caráter normativo e, portanto, também prestigioso dessa variante em relação a *ter* existencial. Esses dados residuais justificam plenamente a relevância de estender a análise dessas formas variantes na variedade riopretense a dados de língua escrita, especialmente de crianças em processo de letramento formal, para que seja possível confirmar a hipótese de que, na língua escrita da variedade riopretense, a variação entre *ter* e *haver* existenciais ocorre porque a criança adquire *haver* existencial durante o processo de escolarização.

Deduz-se, portanto, que é o modelo da sociolinguística quantitativa que fornece o suporte teórico mais relevante para esta pesquisa, especialmente a introdução à teoria da mudança, fornecida por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]).

### ***Ter e Haver* existenciais: definição nas Gramáticas da Língua Portuguesa**

Apesar da flutuação existente entre os verbos *ter* e *haver* existenciais, uma breve análise de algumas gramáticas da língua portuguesa, como as de Rocha Lima (1986), Cunha (1970), Bechara (2006) e Cunha e Cintra (2007) e Ilari e Basso (2008), mostra que todos os autores fazem referência à ocorrência do verbo *haver* como impessoal.

A análise das gramáticas em geral mostra que as construções existenciais com *ter* e *haver* foram consideradas apenas por Cunha (1970) e Ilari e Basso (2008). Cabe ressaltar que, apesar da menção dos verbos existenciais, esses autores apresentam semelhanças e diferenças ao tratar desses verbos. Por outro lado, as gramáticas de Rocha Lima (1986), Bechara (2006) e Cunha e Cintra (2007) apenas descrevem as construções existenciais com o verbo *haver*, desconsiderando o verbo *ter* como impessoal.

Essa constatação permite concluir que, como a maioria das gramáticas se volta para a descrição da língua escrita, prestigiada socialmente, as construções com o verbo *ter* existencial acabam não sendo relatadas, uma vez que o uso desse verbo é tido como inovador e, portanto, avaliado como desprestigiado na língua escrita.

### ***Ter e Haver* existenciais: definição nos livros didáticos**

Os livros do Ensino Fundamental observados são pertencentes à coletânea de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série (6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano) de Cereja e Magalhães (1998, 2009a, 2009b, 2009c). Em relação aos livros do Ensino Médio, os dois livros abordados são volumes únicos, sendo um deles de Cereja e Magalhães (2003), e o outro de Campadelli e Souza (2000).

A observação dos livros do Ensino Fundamental demonstra a existência de uma gradação no ensino dos verbos *ter* e *haver* existenciais, e é nas séries iniciais (5<sup>a</sup>-6<sup>o</sup> ano,

6<sup>a</sup>-7<sup>o</sup> ano e 7<sup>a</sup>-8<sup>o</sup> ano) que se mostra a possibilidade de ocorrerem dois verbos com sentido existencial, *ter* e *haver*. Já no último ano do Ensino Fundamental, o 9<sup>o</sup>, observa-se uma mudança: passa-se a considerar que o aluno já tenha internalizado a ocorrência das duas formas para exprimir *existência* no português, *ter* ou *haver*; porém é importante ressaltar que o ponto de partida que se toma é o de que o aluno já sabe distinguir os usos da forma conservadora e prestigiada, *haver*, e da forma inovadora e possivelmente estigmatizada, *ter*.

A análise dos dois livros didáticos do Ensino Médio demonstra que Cereja e Magalhães (2003) não assinalam a ocorrência de *ter* existencial, de forma que não citam nenhum exemplo em notas indicativas sobre “exceções” que podem ocorrer na língua envolvendo esse tipo de verbo. O livro de Campadelli e Souza (2000) apresenta uma abordagem dos verbos existenciais que difere da abordagem de Cereja e Magalhães (2003), já que sugerem o emprego do verbo *ter* como existencial. Além disso, é interessante observar que Campadelli e Souza (2000) deixam claro que o verbo *ter* existencial se trata de uma forma “popular”, portanto “inovadora” na língua portuguesa.

Em resumo, pode-se considerar que, a partir dos níveis mais avançados de escolarização, iniciados na 8<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental (9<sup>o</sup> ano), os livros didáticos passam a retratar com maior frequência a descrição de *haver* existencial, classificado como a forma correta e de prestígio, em contraposição ao verbo *ter* existencial, que é tido como a forma estigmatizada e coloquial.

## Descrição e análise dos dados

No presente artigo optou-se por analisar apenas os grupos fatores selecionados como relevantes pelo programa estatístico Goldvarb. Partindo dessa afirmação, ressalta-se que a variável dependente analisada é *binária*, constituída das seguintes variantes: verbo *ter* existencial e o verbo *haver* existencial.

A partir dessas considerações, destaca-se que para o *corpus* de língua falada foram observados os seguintes grupos de fatores: (i) *especificidade semântica do argumento interno* e (ii) *tempo verbal*. Diferentemente do *corpus* de língua falada, no de língua escrita os grupos de fatores observados foram: (i) *gênero* e (ii) *escolaridade*.

Em relação ao *corpus* de língua falada, a avaliação do grupo de fatores *especificidade semântica do argumento interno* é baseada nas considerações de Callou e Avelar (2000), Martins e Callou (2003), Vitório (2007) e Batista (2012).

Já as considerações acerca do grupo de fatores *tempo verbal* são embasadas nas observações de Callou e Avelar (2003), Martins e Callou (2003), Vitório (2011) e Batista (2012), e, principalmente, pela teoria de Weinrich (1968) sobre *tempos verbais*, em que este afirma que o tempo *passado* é utilizado com maior frequência em verbos empregados no *mundo narrado*, já o tempo *presente* é mais empregado em verbos utilizados no *mundo comentado*. Por meio da teoria de Weinrich (1968) ainda é possível observar que podem ocorrer “metáforas temporais”, ou seja, inserção de tempos verbais do mundo narrado no mundo comentado ou vice-versa.

Para o *corpus* de língua escrita, o grupo de fatores *gênero* é analisado em comparação aos resultados obtidos por outros autores como Martins e Callou (2003) e Vitório

(2008). E, por fim, o grupo de fatores *escolaridade* é observado em comparação com os trabalhos de Avelar (2006a; 2006b) e Vítório (2010).

Cabe ressaltar que os dados de fala e escrita foram analisados de forma eletrônica pelo programa estatístico GoldVarb (TAGLIAMONTE; ROBINSON; LAWRENCE, 2001). Esse programa, baseado no modelo de sociolinguística quantitativa, fornece uma análise quantitativa das variáveis estudadas, contribuindo para a obtenção de valores percentuais e pesos relativos, que permitem a formulação de generalizações qualitativas sobre a variável dependente investigada.

## A variável dependente

De forma geral, pretende-se demonstrar o número de ocorrências de *ter* e *haver* existenciais em ambos os *corpora*, para que seja possível realizar considerações relevantes sobre esse fenômeno de estudo na variedade riopretense.

No *corpus* de língua falada, de 152 inquéritos analisados, foram observados um total de 507 dados de *ter* e *haver* existenciais, sendo 496 (97.8%) de *ter* existencial, e apenas 11 (2.2%) de *haver* existencial, conforme se observa na tabela abaixo:

**Tabela 1: Número total de ocorrências de *ter* e *haver* existenciais na língua falada**

<i>Ter</i> existencial	<i>Haver</i> existencial	Total
97.8% (496/507)	2.2% (11/507)	100% (507)

No *corpus* de língua escrita foi encontrado um total de 424 dados de *ter* e *haver* existenciais, sendo 323 de *ter* existencial, perfazendo um percentual de 76.2%, e 101 de *haver* existencial, com percentual de 23.8%. A tabela a seguir demonstra a distribuição dessas formas nos dados referentes à língua escrita.

**Tabela 2: Número total de ocorrências de *ter* e *haver* existenciais na língua escrita**

<i>Ter</i> existencial	<i>Haver</i> existencial	Total
76.2% (323/424)	23.8% (101/424)	100% (424)

A partir dos resultados gerais expostos até o momento, é possível observar que *ter* existencial é altamente utilizado tanto na fala quanto na escrita da variedade riopretense, embora na língua escrita os níveis de *haver* existenciais sejam mais significativos do que na língua falada.

## **Análise dos grupos de fatores relevantes no *corpus* de língua falada: *especificidade semântica do argumento interno e tempo verbal***

### **Grupo de fatores *especificidade semântica do argumento interno***

O fator *especificidade semântica do argumento interno*, cujos resultados aparecem dispostos na Tabela 3, foi o primeiro selecionado pelo programa estatístico Goldvarb.

**Tabela 3: Distribuição de *ter* e *haver* pela especificidade semântica do argumento interno na língua falada**

Fatores	Ter		Haver		P.R de Ter	P.R de Haver
	Apl.	(%)	Apl.	(%)		
<i>Animado + Inanimado ou Material</i>	266/267	99.6	1/267	0.4	0.76	0.24
<i>Abstrato</i>	129/137	94.2	8/137	5.8	0.13	0.87
<i>Espaço + Evento</i>	101/103	98.0	2/103	2.0	0.35	0.65
<b>Total</b>	496/507	97.8	11/507	2.2	<i>Input (0.991)</i> <i>Significância (0.050)</i>	

Para exemplificar esses tipos de argumentos internos, apresentam-se alguns dados retirados do *corpus* em estudo:

- (1) **Argumento Animado: (a)** “[...] mas ao mesmo tempo num **tinha** ninguém... faltava sempre a mesma pessoa [...]” (AC 022/NE/ L 92-93).
- (2) **Argumento Inanimado ou Material: (b)** “[...] hora que eu vi tava jorran(d)o sangue... acho que POR DEUS que **tinha** uma toalha de banho [...]” (AC 027/NE/L 23). / **(c)** “[...] porque **havia** muita (água)... muito prefeito que... direito e tudo mas teve muito prefeito [...]” (AC 0151/NE/L 71-72).
- (3) **Argumento Abstrato: (d)** “[...] FOI corren(d)o abrin(d)o a bolSinha ele viu que num **tinha** na::da... (AC 062-L.100). / **(e)** “[...] e aí **houve** um problema que algumas crianças não tinham o vestido...” (AC 088/NE/L 28-29).
- (4) **Argumento Evento: (f)** “Inf.: AI ainda num **TEM** o(u)tro concurso mas... no próximo que tê(r) eu vô(u) entrá(r)” (AC 005/NE/L 87). / **(g)** “[...] e quando **havia** assim festas... festas da igreja [...]” (AC 093/NE/L 9).
- (5) **Argumento Espaço: (h)** “[...] fui na PRAIA aqui num **tem** pra:ia... fui em bastante lo::ja lá **tem** bastante sho::pping eu gosto de sho::pping...” (AC 012/NE/ L 39-40).

Na Tabela 3, observa-se que os fatores [*animado + inanimado ou material*] e os fatores [*espaço + evento*] foram amalgamados, em vista do surgimento de *knockouts*<sup>4</sup> nos fatores *animado* e *espaço*. Somente para o fator *animado*, os resultados haviam apontado um total de 148 ocorrências para *ter* existencial, e no fator *espaço*, um total de 81 ocorrências.

Na variedade riopretense a especificação semântica do referente [*animado + inanimado ou material*] favorece o uso de *ter* existencial (0.76) em detrimento do uso de *haver* existencial (0.24). Esses resultados confirmam os obtidos por Callou e Avelar (2000), Martins e Callou (2003) e Batista (2012).

No entanto, a especificidade semântica do referente [+*abstrato*] favorece mais significativamente o uso de *haver* existencial: apesar do alto índice percentual de *ter* existencial (94.2%), o peso relativo obtido (0.13) é muito reduzido se comparado ao de *haver* (0.87). Nesse aspecto, os resultados aqui obtidos em relação a essa especificidade semântica também corroboram os de Callou e Avelar (2000), Martins e Callou (2003) e Batista (2012), em que a variante *haver* prepondera nas construções existenciais com o argumento [+*abstrato*].

4 A expressão *knockout* é um termo utilizado no Programa Estatístico Goldvarb para designar os casos em que ocorreram porcentagens de 100%, indicando uma frequência categórica de *ter* ou *haver* existenciais em algum dos fatores investigado.

Por fim, a especificidade semântica do referente [+ *espaço* + *evento*] mostra que, apesar do alto índice percentual de *ter* existencial, o peso relativo correspondente redundou em apenas (0.35) e o de *haver* existencial, em (0.65). Esses índices permitem concluir que argumentos marcados pelos traços semânticos [+ *espaço* + *evento*] favorecem a utilização da variante *haver* em construções existenciais e não de *ter*. Especificamente nesse contexto, pode-se justificar o peso relativo favorecedor de *haver* existencial em função da necessidade metodológica de juntar, na análise, os dois tipos semânticos de argumentos.

Vale a pena ressaltar que o *knockout* do fator [+*espaço*] do argumento interno indica que, nesse contexto semântico, *ter* existencial é categórico. Caso fosse possível analisar esses argumentos separadamente, é possível que os resultados, em termos de pesos relativos, se aproximassem dos resultados de Callou e Avelar (2000), Martins e Callou (2003) e Batista (2012). Esses autores concluíram que o fator [+*espaço*] favorece os usos de *ter* existencial em contraposição ao argumento [+*evento*] que favorece o uso de *haver* existencial. Parece, então, que, na variedade riopretense, o favorecimento de *ter* existencial em argumentos [+*espaço*] é muito mais significativo por atingir inclusive categoricidade.

### Grupo de fatores *tempo verbal*

O grupo de fatores *tempo verbal*, cujos resultados aparecem na Tabela 4, foi o segundo selecionado como relevante pelo programa estatístico Goldvarb.

**Tabela 4: Distribuição de *ter* e *haver* nos tempos verbais de *passado* e *presente* na língua falada**

Fatores	Ter		Haver		P.R de Ter	P.R de Haver
	Apl.	(%)	Apl.	(%)		
<i>Passado</i>	323/332	97.3	9/332	2.7	0.38	0.62
<i>Presente</i>	173/175	98.9	2/175	1.1	0.71	0.29
<b>Total</b>	496/507	97.8	11/507	2.2	<i>Input</i> (0.991) <i>Significância</i> (0.050)	

Os exemplos abaixo demonstram a distribuição desses tempos verbais entre as formas *ter* e *haver* existenciais na variedade riopretense:

- (6) **Tempo Passado:** (i) “[...] e foram resolven(d)o diversos problema... **houve** uma época... em que surgiu uma região [...]” (AC 0117/NE/L 23). / (j) “[...] devia tá parado ali... então diz que **tinha** bigato pra tudo quanto é lado [...]” (AC 0100/ NE/L 85).
- (7) **Tempo Presente:** (k) “[...] ago::ra que **há** motivo de vocês liberá(r) o funcionário que sempre foi bom pra vocês” (AC 063/NE/L 373). / (l) “[...] cheguei em casa e vi um carro lá na frente... aí falamo(s) –“não... **tem** alguém na minha casa...” (AC 052/NE/L 49).

De forma geral, a distribuição de dados exposta na Tabela 4 permite afirmar que os tempos verbais do *passado*, com um total de 332 ocorrências, são os mais utilizados em narrativas de experiência pessoal. Como é esse tipo textual que constitui o *corpus* de língua falada deste trabalho, esse resultado é totalmente esperado em função dos postulados de Weinrich (1968) de que os tempos do *passado* favorecem as construções utilizadas no mundo narrado.

Como pode haver inserções de tempos verbais do mundo comentado no mundo narrado, identificado por Weinrich (1968) como metáfora temporal, pode-se afirmar que esse processo de metáfora temporal ocorre nas narrativas de experiência pessoal que constituem o Banco de Dados IBORUNA, por conta de haver alternância de formas do *presente* e do *passado*. Apesar dessa alternância, existe uma clara preferência em associar um determinado tempo verbal com uma única forma e, no caso da variedade riopretense, observa-se que os tempos do *presente* se associam ao uso de *ter* existencial (P.R. 0.71), enquanto os do *passado*, ao uso de *haver* existencial (P.R. 0.62). Esses resultados confirmam os obtidos por outros autores como Callou e Avelar (2003), Martins e Callou (2003), Vitória (2011) e Batista (2012).

O grupo de fatores *tempo verbal* é metodologicamente relevante, pois, apesar de o tipo textual observado ser o *narrativo*, os índices percentuais de utilização de tempos do *presente* também são elevados se comparados com os índices percentuais dos tempos do *passado*; consistente com essa distribuição é o uso mais frequente de *ter* existencial. Com efeito, como o tempo verbal *presente* favorece a forma *ter* existencial, e como é essa forma a mais empregada na língua falada em termos percentuais, não há dúvidas da relevância do grupo de fatores *tempo verbal* para explicar a frequência praticamente categórica de *ter* existencial na língua falada.

### **Análise dos grupos de fatores relevantes no *corpus* de língua escrita: gênero e escolaridade**

#### **Grupos de fatores gênero**

O grupo de fatores *gênero* foi o primeiro selecionado pelo programa Goldvarb, o que significa consistir no mais relevante para a avaliação da variação entre *ter* e *haver* existenciais na língua escrita da variedade riopretense. A Tabela 5 apresenta os valores percentuais e os pesos relativos referentes aos resultados desse grupo de fatores, conforme se observa:

**Tabela 5: Distribuição de *ter* e *haver* existenciais por gênero na língua escrita**

Fatores	Ter		Haver		P.R. ter	P.R. haver
	Apl.	(%)	Apl.	(%)		
<i>Feminino</i>	153/224	68,3%	71/224	31,7%	0.38	0.62
<i>Masculino</i>	170/200	85%	30/200	15%	0.63	0.37
<b>Total</b>	323/424	76,2%	101/424	23,8%	<i>Input</i> (0,780) <i>Significância</i> (0,002)	

De toda a literatura avaliada sobre *ter* e *haver* existenciais em dados de escrita destaca-se o trabalho de Vitória (2008), que, ao avaliar o grupo de fatores *gênero* denominado pela autora de *sexo*, obteve os seguintes resultados: o gênero masculino manifesta 65% de *ter* existencial (0.51) e 35%, de *haver*, enquanto o feminino, 63% de *ter* existencial (0.49) e 37%, de *haver*.

Segundo essa autora, os pesos relativos obtidos demonstram que a variação entre *ter* e *haver* existenciais na escrita de alunos da cidade de Maceió ocorre em uma escala de neutralidade, o que confirma a não seleção desse fator como relevante para essa variedade (VITÓRIO, 2008). Dessa forma, observa-se que, ao contrário do resultado observado no trabalho de Vitório (2008), o fator *gênero* se mostrou relevante na língua escrita da variedade riopretense.

Ao avaliarem a língua falada, Martins e Callou (2003) constatam que as mulheres costumam liderar processos de mudança linguística, e, por isso, utilizam com maior frequência a forma inovadora, que, no caso desta pesquisa, se define como o verbo *ter* existencial. Esse resultado não pode ser comparado aos dados de língua escrita da variedade riopretense, uma vez que tanto a porcentagem quanto o peso relativo de *ter* existencial no *gênero feminino* não foram significativos se comparados com os resultados do *gênero masculino*.

Essas observações sobre o grupo de fatores *gênero* permitem concluir uma inversão de resultados sobre a influência desse fator na distribuição das formas existenciais na língua escrita da variedade riopretense. Pode-se supor que, na variedade riopretense, as meninas apresentam maior tendência pelo uso de *haver* existencial (P.R. 0.62) pelo fato de se apresentarem mais ciosas da formalidade do registro escrito em sua produção textual. Essa suposição pode ser verdadeira também para o comportamento dos meninos, mas numa relação inversa: como não manifestam atributos de maior consciência com a diferença de formalidade do contexto, registram tendência mais acentuada pelo uso da forma inovadora no processo de produção escrita (P.R. 0.63).

### Grupo de fatores *escolaridade*

O segundo grupo de fatores selecionado pelo programa Goldvarb foi a *escolaridade*, conforme se pode observar nos resultados da Tabela 6 abaixo:

**Tabela 6: Distribuição de *ter* e *haver* por escolaridade na língua escrita**

Fatores	Ter		Haver		P.R. ter	P.R. haver
	Apl.	(%)	Apl.	(%)		
5ª série (6º ano)	121/143	84,6%	22/143	15,4%	0,63	0,37
8ª série (9º ano)	202/281	72%	79/281	28%	0,43	0,57
<b>Total</b>	323/424	76,2%	101/424	23,8%	<i>Input</i> (0,780) <i>Significância</i> (0,002)	

A avaliação da coletânea didática de Cereja e Magalhães (1998; 2009a; 2009b; 2009c) destinada à seriação escolar que vai da 5ª à 8ª série, permitiu observar uma menção à variação entre os verbos *ter* e *haver* existenciais apenas no conteúdo referente à 5ª série (6ºano) e à 7ª série (8ºano); já no conteúdo da 6ª série (7ºano) não há menção a nenhum dos dois verbos e, no da 8ª série (9ºano), faz-se menção apenas ao emprego de *haver* existencial.

De forma geral, observa-se que a variação entre os verbos *ter* e *haver* existenciais é tratada mediante a introdução de exercícios nas séries iniciais de 5ª série (6ºano) e 7ª

série (8ºano). Desse modo, quando o aluno chega ao final do Ensino Fundamental, 8ª série (9ºano), assinala-se apenas a ocorrência de um verbo existencial, *haver*, tido como de prestígio, e, principalmente, associado à língua escrita.

Pode-se demonstrar a assimilação do conteúdo escolar pelos alunos que cursam a 8ª série (9º ano) de uma escola estadual regular pelos índices percentuais e pelos pesos relativos resultantes da avaliação do *corpus*, que deixam claro a influência da escolaridade no processo de variação entre essas duas formas existenciais. Os resultados mostram altos índices percentuais de *ter* existencial na 8ª série (9º ano), 72%, em contraposição a 28% de *haver* existencial; no entanto, os pesos relativos demonstram certa proximidade estatística na utilização de *haver* e *ter* existencial nessa série, com leve tendência para o uso de *haver* (P.R. 0.57) em vez de *ter* (P.R. 0.43). Esses dados apontam que, na língua escrita, *haver* existencial, a mais conservadora, ainda é considerada a forma de prestígio ao menos no contexto do ensino formal.

Em contraposição, a 5ª série (6ºano) apresenta índice percentual e peso relativo mais significativo para de *ter* existencial do que para *haver* existencial. Se comparados com os da 8ª série, esses resultados parecem confirmar positivamente a hipótese de aquisição tardia de *haver* existencial, praticamente promovida durante a aquisição formal da escrita pelo processo escolar. Parece que, na 5ª série (6º ano), os alunos ainda mostram traços de permanência da prática de oralidade no letramento, que vão sendo aos poucos apagados conforme avança a prática de letramento formal.

O fator *escolaridade* também foi avaliado por outros autores, como Avelar (2006a; 2006b) e Vitório (2010), que verificaram a variação do fenômeno estudado em outras variedades.

Avelar (2006a), por exemplo, ao analisar a língua falada e a escrita detectou que os índices de *ter* existencial são mais frequentes na língua falada (87%) do que na língua escrita (14%). Já para o *haver* existencial ocorre um processo inverso, uma vez que, na fala, seus índices são de (13%) e, na escrita, de (86%).

Em seu outro trabalho, Avelar (2006b) analisa textos escritos ao longo de oito séculos, e observa um acréscimo de *ter* existencial na língua escrita, apesar de detectar que os índices de *haver* existencial se sobrepõem aos de *ter*. No caso, *ter* existencial aumentou de 0% no séc. XIII-XV para 30% no séc. XX; já *haver* existencial apresentava ocorrências de 100% entre os séculos XIII-XIV e apresentou uma leve queda no século XX para 70%.

A partir de seus resultados, Avelar (2006a; 2006b) conclui que os índices de *ter* existencial na língua escrita indicam uma reprodução de elementos da oralidade na escrita. Além disso, o autor também afirma que o verbo *haver* deva ser adquirido durante o processo de escolaridade, uma vez que este corresponde ao momento em que o aluno entra em contato com a língua escrita.

Vitório (2010), por sua vez, ressalta que, em suas pesquisas desenvolvidas em 2007 e 2008, se observou que os alunos do ensino fundamental apresentam certa tendência a utilizar *ter* existencial, tida como variante inovadora, o que não ocorre entre os alunos do ensino médio, que tendem a utilizar a variante *haver* existencial, tida como conservadora, de forma que “[...] o acesso às regras gramaticais é determinante na escolha das variantes *ter* e *haver* [...]” (p. 58).

A exposição dos trabalhos de Avelar (2006a; 2006b) e Vitório (2010) permite afirmar que esses autores confirmam as hipóteses preliminares deste trabalho, uma vez que asseguram em seus resultados que o verbo *haver* existencial é apreendido durante o processo de escolarização, fato que também foi verificado na variedade riopretense.

## Considerações finais

Os resultados aqui obtidos sobre a variação *ter* e *haver* nas práticas letradas corroboram os de Avelar (2006a; 2006b) e Vitório (2010), que, primeiramente, asseguraram a existência de um processo tardio de aquisição de *haver* existencial durante o processo de escolarização. Dessa forma, pode-se afirmar que esses resultados vão ao encontro das concepções defendidas por Kato (1986; 2005) de que o aluno chega à escola com elementos da gramática da fala e é iniciado em uma nova gramática, a pedagógica ou escolar, que se confina, portanto, com a gramática da escrita. Desse modo, destacamos que as reflexões de Kato (1986; 2005) permitiram inferir mesmo indiretamente que, quando a criança entra em contato com a gramática da escrita, ela entra em contato com a forma *haver* existencial, conservadora e prestigiada, que a escola recupera.

Em nosso caso específico, é possível afirmar que a variação entre *ter* e *haver* existenciais na língua escrita da variedade riopretense pode refletir o resultado do mesmo processo que ocorre na língua falada, praticamente consolidado em direção de uma mudança a privilegiar o uso de *ter* em detrimento de *haver*. É possível afirmar que a consistência desse processo, destituído, como vimos, de valores sociais de estigmatização nas práticas sociais orais, futuramente, venha a culminar na aceitação de *ter* existencial inclusive nas Gramáticas Normativas e nos livros didáticos. No entanto, para que esse processo se cumpra de fato é necessário que o verbo *haver* existencial perca sua aura de prestígio na língua escrita.

## REFERÊNCIAS

AVELAR, J. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 99-143, jun./dez, 2006a.

\_\_\_\_\_. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 49-74, 2006b.

BATISTA, P. G. *Ter e Haver existenciais na fala culta de Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre: do social ao linguístico*. 70f. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BECHARA, E. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p.194-264.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 85-100, 2000.

CAMACHO, R. G. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 55-65.

\_\_\_\_\_. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CAMPADELLI, S. Y.; SOUZA, J. B. *Português: literatura, produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 2000.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, A. C. *Português: linguagens, 5ª série*. São Paulo: Atual, 1998.

\_\_\_\_\_. *Português: linguagens, 7º ano*. 5. ed. São Paulo: Atual, 2009a.

\_\_\_\_\_. *Português: linguagens, 8º ano*. 5. ed. São Paulo: Atual, 2009b.

\_\_\_\_\_. *Português: linguagens, 9º ano*. 5. ed. São Paulo: Atual, 2009c.

\_\_\_\_\_. *Português: Linguagens, Ensino Médio*. São Paulo: Atual, 2003.

CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S.A., 1970.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.

GONÇALVES, S. C. L.; TENANI, L. E. Problemas teórico-metodológicos na elaboração de um sistema de transcrição de dados interacionais: o caso do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). *Gragoatá*, n. 25, p.149-164, 2008.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 163-365.

KATO, M. A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (Org.). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (U. do Minho), 2005. p. 131-145.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LIMA, R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MARTINS, L.; CALLOU, D. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções ter/haver existenciais. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5., Curitiba, 2003. *Anais...* p. 820-825, 2003.

TAGLIAMONTE, S. A.; ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows*. 2001.

VITÓRIO, Elyne G. S. L. A. *Ter/haver existenciais na escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental da cidade de Maracanaú/CE*. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 5, n. 9, ago. 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

\_\_\_\_\_. *Ter/haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL*. 117f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

\_\_\_\_\_. *Aquisição e variação dos verbos ter e haver existenciais no PB*. *Veredas on line*, Juiz de Fora, Atemática, 1/2010, p. 53-63, 2010.

\_\_\_\_\_. A alternância ter/haver existenciais na fala Maceioense. *Revista Interdisciplinar*, Sergipe, v. 14, n. 8, p. 77-85, jul./dez. 2011.

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de M. Bagno; rev. C. A. Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].